

(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 19, março 2017, Tributo]

UM OLHAR SAGAZ E CRÍTICO EM DEFESA DA SAÚDE DOS TRABALHADORES

por **Diana Antonaz**

[Militante ativa do Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador do Rio de Janeiro – CONSEST-RJ]



Num momento de desesperança para alguns e renovação de esperanças para outros, face à crise de valores éticos e políticos que deixam a desumanidade das relações sociais à mostra, é sempre bom lembrar das pessoas de luta. É o caso de Diana Antonaz. A Edna do Fórum Intersindical, representante do setor de telecomunicações, demandou ao Boletim, nessa boa hora, um tributo à Diana Antonaz, que alguns dos mais veteranos do Fórum tiveram o privilégio de conhecer e trabalhar junto. Diana Antonaz, em sua tese, e Edna do Sacramento, em sua luta, testemunham a aliança transformadora do saber operário à sabedoria acadêmica, essencial ao reconhecimento da LER/DORT das telefonistas. Para além da luta sindical, Diana dedicou-se ao estudo dos “atingidos pelo trabalho”, grupos de trabalhadores adoecidos ou acidentados que se organizam em busca de “reconhecimento e justiça” e ampliam sua atuação a grupos sociais afetados pelos processos de produção como um todo (p.ex.: vítimas de desmoronamento de barragens, morros, acidentes radioativos etc).

Utilizamos um texto de seu amigo e professor José Sérgio Leite Lopes para ilustrar um pouquinho do que foi essa brava mulher, morta em 2012, em plena luta pela dignidade no trabalho. Diana Antonaz foi mestre e doutora em Antropologia Social.

Era professora da Universidade Federal do Pará, embora tenha vivido muitos anos no Rio de Janeiro.

Co-autora do livro “A Ambientalização dos Conflitos Sociais: Participação e Controle Público da Poluição Industrial”, antes de ser antropóloga foi engenheira com especialização em segurança do trabalho. Fundou, com Ricardo Garcia Duarte e outros companheiros, a sucursal do DIESAT/RJ [Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho], onde atuou como assessora. Sua dissertação de mestrado “Na Escola dos Grandes Projetos: a formação do trabalhador industrial na Amazônia” (1995) versou sobre a construção e a operação da fábrica de alumínio ALBRÁS, em Barcarena, Pará.

Diana possuía os atributos para penetrar no mundo fechado das fábricas e nele exercer seu olhar sagaz e profundamente crítico em defesa da saúde dos trabalhadores, em sua amplitude social.

No doutorado, Diana estudou o processo de transformação a que foram submetidas as telefonistas da TELERJ no período imediatamente anterior à sua privatização. Na tese “A Dor e o Sentido da Vida: um estudo de caso: a nova doença das telefonistas do Rio de Janeiro (1980/1990)”, em 2001, ela estudou a epidemia de LER (lesões por esforços repetitivos) que acometeu as telefonistas durante o período em que a pressão da hierarquia da empresa se avolumou drasticamente para preparar a privatização e as mudanças tecnológicas e organizacionais que estavam em curso. Baseada em seu trabalho de assessora do sindicato dos telefônicos na área de saúde do trabalhador, sua pesquisa foi um combustível teórico e político para a árdua luta das telefonistas. Estudou e acompanhou a luta da leucopenia dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Atingidos pelo benzenismo, provocado pelo processo industrial na coqueria da siderúrgica, os trabalhadores viveram anos de horror para comprovar sua doença junto à empresa e à Previdência Social, do final da década de 1980 aos primeiros anos da década de 1990. Participou de várias pesquisas que trazem à tona a relação estreita entre saúde do trabalhador e saúde ambiental, demonstrando que os conflitos sociais se estendem da fábrica para fora ou de fora para dentro. E que suas razões se assentam no modelo econômico, na hegemonia do capital sobre o trabalho e num Estado invariavelmente a serviço do capital contra a vida e o ambiente. Diana Antonaz foi militante ativa do Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador do Rio de Janeiro e contribuiu não só para a sua implementação como com as suas câmaras técnicas, onde se fazia o planejamento para as ações de vigilância em saúde do trabalhador nos primeiros anos da década de 1990.

Evoé Diana Antonaz!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.